

Colégio Anglo Cruzeiro

**A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE EM CASOS DE
ENDOMETRIOSE.**

Cruzeiro, SP

2024

Beatriz Aquino Pinto Rubez de Souza

Cecília Caldas Ramos Rappa Biondi

Marianna Grinet Baldon

Marlise Maurente Machado (orientadora)

**A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE EM CASOS DE
ENDOMETRIOSE.**

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.
Orientação do Prof. Marlise Maurente
Machado.

Cruzeiro, SP

2024

RESUMO

A endometriose é um grande desafio para as pacientes, pois pode causar a infertilidade e provoca dores incapacitantes contínuas que têm reflexos na saúde mental, na realização de tarefas, no baixo rendimento no trabalho e em atividades acadêmicas. Além disso, a falta de pesquisas acerca de assuntos relacionados à saúde feminina tem sido um agravante, que afeta mais de sete milhões de brasileiras e 180 milhões de mulheres no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde, incentivando mulheres prejudicadas pela doença a não procurarem ajuda, já que os sintomas são frequentemente confundidos com aqueles sentidos durante o ciclo menstrual. Em outros casos, pode ser assintomática, diminuindo as chances das pacientes conseguirem o diagnóstico precoce, fazendo com que a doença evolua e aumente a dificuldade para tratamentos eficazes. Os objetivos desse trabalho foram investigar os principais desafios no diagnóstico precoce da endometriose e analisar o impacto que a demora do diagnóstico tem na qualidade de vida das mulheres que possuem a doença. Como metodologia foram feitas análises em comentários retirados de uma notícia no site da Câmara dos deputados, além de questionários anônimos via *Google Forms*, enviados pelo aplicativo *Whatsapp*. Os resultados indicaram que a falta de pesquisa, a abordagem médica incorreta e a subestimação das dores vêm incentivando as mulheres a não buscarem ajuda, agregando a evolução da doença e consequentemente dificultando os diagnósticos, já que é uma doença de difícil identificação, principalmente para mulheres de baixa renda. Os diagnósticos precoces facilitam o tratamento da doença e o enfrentamento das dores, para isso, as adoções de novos métodos para identificação da doença são necessárias.

Palavras-chaves: endometriose, diagnóstico, tratamento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 JUSTIFICATIVA	14
3 OBJETIVOS.....	14
3.1 Objetivo Geral	14
3.2 Objetivos específicos.....	14
4 METODOLOGIA.....	15
5 RESULTADOS OBTIDOS	16
CONCLUSÕES	24
REFERÊNCIAS	26



1 INTRODUÇÃO

Em 2021, a cantora Anitta, após enfrentar períodos menstruais dolorosos e desconforto pélvico persistente, foi diagnosticada com endometriose. Seus médicos optaram por tratamentos e terapias que aliviassem as dores, mas a cirurgia foi inevitável. Há nove anos a artista tinha sintomas e usou de sua popularidade para incentivar pesquisas na área e alertar sobre a doença. Pelas redes sociais, Anitta afirmou que a cirurgia fora um sucesso, mas que o pós-operatório foi muito difícil. Ela não foi exceção, já que no Brasil e no resto do mundo ainda demora de sete a dez anos para confirmar o diagnóstico.

A endometriose é um grande desafio para as pacientes, pois pode causar a infertilidade e provoca dores incapacitantes contínuas que têm reflexos na saúde mental, na realização de tarefas, no baixo rendimento no trabalho e em atividades acadêmicas. (Nnoaham, 2011). Em outros casos, pode ser assintomática, diminuindo as chances das pacientes conseguirem o diagnóstico precoce, fazendo com que a doença evolua e aumente a dificuldade para tratamentos eficazes.

Além disso, a falta de pesquisas acerca de assuntos relacionados à saúde feminina tem sido um agravante, que afeta mais de sete milhões de brasileiras e 180 milhões de mulheres no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde¹, incentivando mulheres prejudicadas pela doença a não procurarem ajuda, já que os sintomas são frequentemente confundidos com aqueles sentidos durante o ciclo menstrual.

A falta de uma abordagem correta entre os enfermeiros e médicos, a disseminação de informações falsas e a falta de atendimento para a população de baixa renda, justificados pela superlotação do Sistema Único de Saúde (SUS), contribuem cada vez mais para a evolução da doença e a chegada a um estágio avançado, que raramente será tratado da forma correta. Isso obriga pacientes a conviverem anos com a doença e causa agravamento dos sintomas. Consequentemente, confirma-se um processo complexo no âmbito físico e psicológico, acarretando danos emocionais como o desenvolvimento da ansiedade e depressão.

¹ <https://www.camara.leg.br/noticias/1042746-congresso-recebe-iluminacao-amarela-para-alertar-sobre-a-endometriose/#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,dez%20brasileiras%20em%20idade%20reprodutiva>. Acesso em 10/04/2024



2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela necessidade de ampliar a consciência da endometriose entre a população, visto que a negligência acerca da doença afeta diretamente pacientes em busca de tratamentos adequados.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Este artigo teve como objetivo geral investigar os principais desafios no diagnóstico precoce da endometriose.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos foram:

- Analisar o impacto da demora no diagnóstico no prognóstico e na qualidade de vida das mulheres com endometriose,
- Propor estratégias para melhorar a conscientização, a educação e o acesso aos cuidados de saúde relacionados à endometriose.



4 METODOLOGIA

Os métodos utilizados nesta pesquisa foram o qualitativo e quantitativo. O primeiro no qual se fizeram análises descritivas, e o segundo em que se utilizaram cálculos e estatísticas. Os objetivos deste trabalho são investigar os principais desafios no diagnóstico precoce da endometriose e analisar o impacto que a demora do diagnóstico tem na qualidade de vida das mulheres que possuem a doença. Para isso, fez-se, por meio de uma pesquisa científica de caráter exploratório, análises em comentários retirados de uma notícia no site da Câmara dos deputados, além de questionários anônimos via *Google Forms*, enviados pelo aplicativo *Whatsapp*.

Para organizar os métodos, seguimos a seguinte sequência:

1. Revisão de literatura, por meio da análise de artigos e pesquisas sobre o tema.
2. Pesquisa de campo: Foi realizado um questionário anônimo, aplicado a mulheres que possuem o ciclo menstrual ativo da cidade de Cruzeiro e Lorena, ambas em São Paulo. Com o intuito de analisar o impacto e o conhecimento sobre a Endometriose.
3. Análise dos comentários acerca da endometriose.

Quadro 1 – Primeiro questionário / Perguntas respondidas pelas mulheres com ciclo menstrual ativo em geral

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Você sabe o que é a Endometriose?2. Se sim, de onde conhece a doença?3. Conhece alguém do seu convívio social que tenha a doença?4. Você conhece os sintomas da endometriose?5. Você conhece os tratamentos para essa doença? |
|--|

Fonte: o próprio autor

Quadro 2 – Segundo questionário / Perguntas respondidas pelas mulheres que possuem a doença

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Quanto tempo você levou para conseguir o diagnóstico?2. Quantos profissionais foram consultados?3. O SUS auxiliou o tratamento de alguma forma? Se sim, como? |
|--|

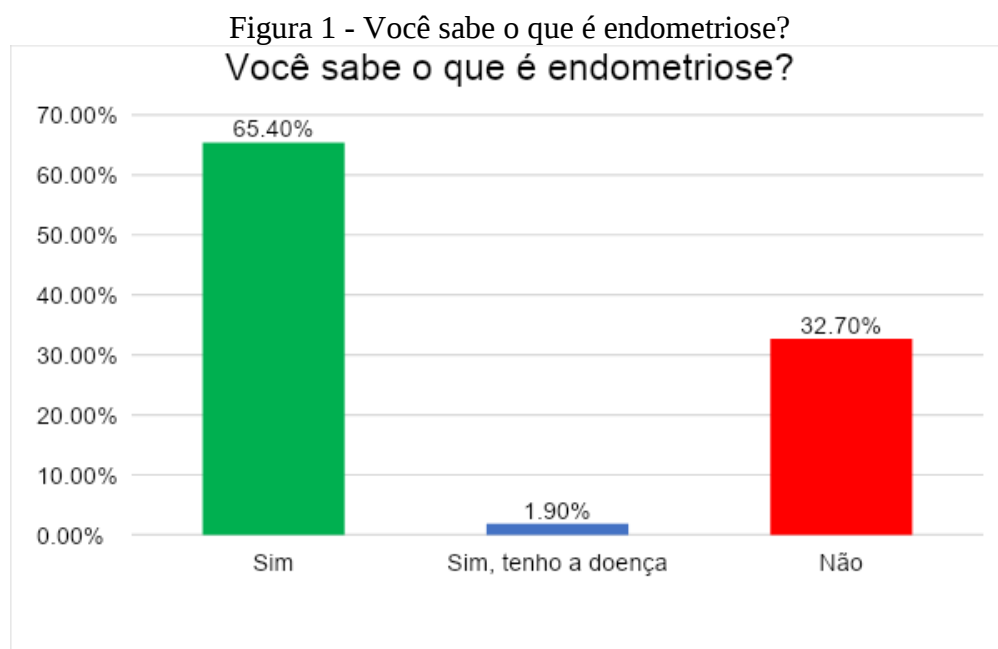


4. Em algum momento familiares e médicos duvidaram de seu diagnóstico?
5. Algum dos seus sintomas foi grave?

Fonte: o próprio autor

5 RESULTADOS OBTIDOS

Neste tópico, serão analisados os resultados das amostras coletadas, na forma qualitativa, pela interpretação dos dados, e quantitativa.



Fonte: o próprio autor

A figura 1 mostra que entre as 107 mulheres que responderam o questionário 65,4% conhecem a doença endometriose, enquanto 32,7% não a conhecem.



Figura 2 – De onde conhece a doença?
Se sim, de onde conhece a doença?

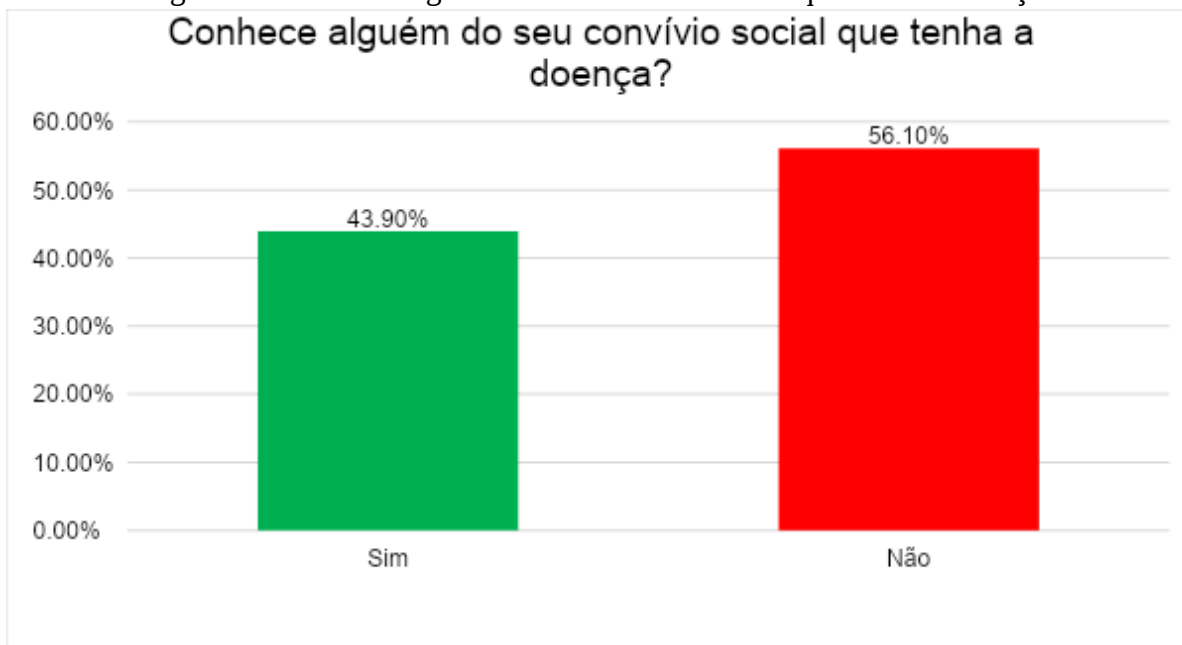


Fonte: o próprio autor

A segunda pergunta foi sobre o conhecimento da doença, a maioria respondeu não conhecê-la profundamente, com 39,3%, evidenciando a desinformação em relação ao assunto. Em seguida aparece “tinha visto nas redes sociais” com 26,2%. Em terceiro, aparecem as respostas das pessoas que apenas leram sobre o assunto, com 22,4%. Além disso, a opção “vi num programa de TV” e, “tive uma palestra na escola/trabalho” tiveram 4,7% e 0,9%, respectivamente. As respostas preocupam, pois aquelas que conseguem explicar do que se trata a doença é pequeno, comparado às que só ouviram falar.



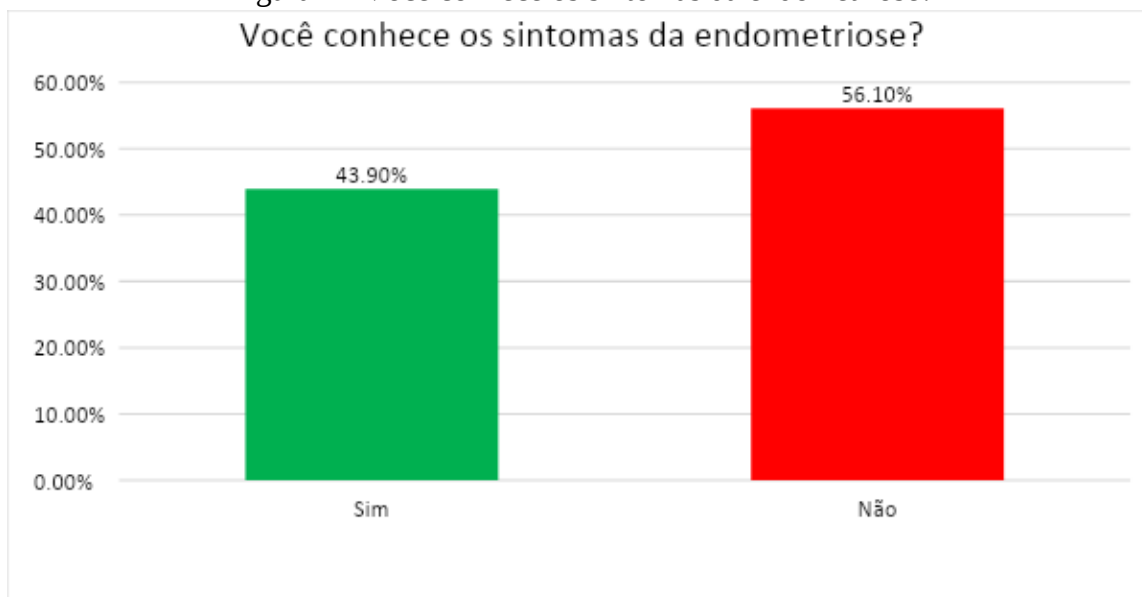
Figura 3 – Conhece alguém do seu convívio social que tenha a doença?



Fonte: o próprio autor.

Das mulheres que responderam o questionário 56,1% delas não conhecem alguém de seu convívio social que tenha a doença, e 43,9% conhecem.

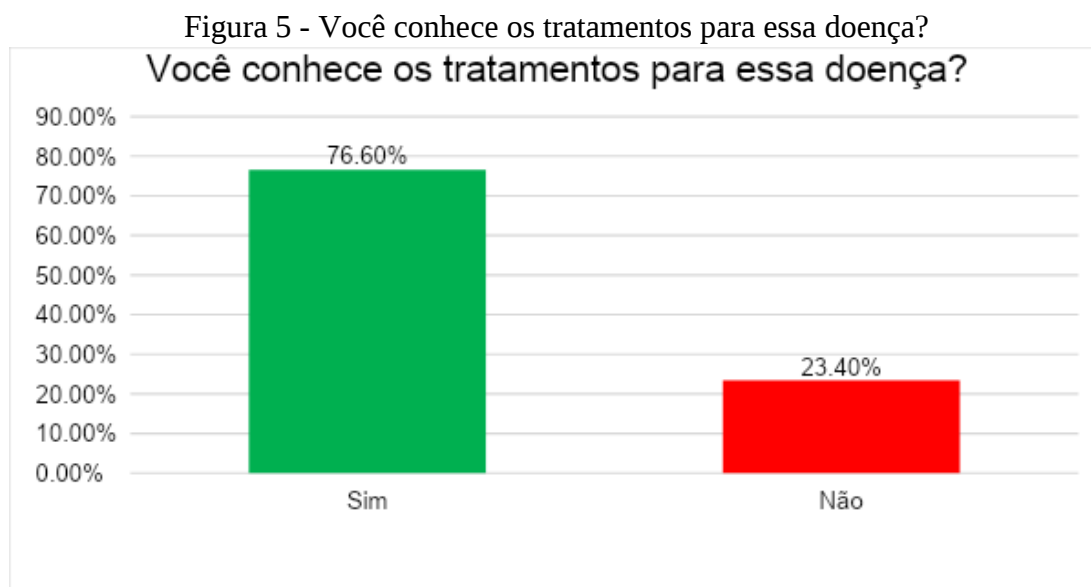
Figura 4 - Você conhece os sintomas da endometriose?



Fonte: o próprio autor



Sobre os sintomas da doença, a maioria das respondentes dizem desconhecer os sintomas, com 56,1% das respostas. Dessa forma, pode-se afirmar que existe negligência em relação à divulgação sobre a endometriose. Ainda houve 43,9% das mulheres que afirmaram conhecer os sintomas, o que pode ser uma contradição se compararmos com o resultado da figura 2, em que a maioria diz apenas ter ouvido falar sobre a patologia.



Fonte: o próprio autor

A última pergunta versava sobre os tratamentos para a endometriose. 76,6% da amostra não sabem como se dão os tratamentos, enquanto 23,4% tem noção de como são feitos. Hipoteticamente, essas respostas podem reforçar a ideia de negligência sobre as informações e recursos disponíveis para conscientizar mulheres em relação à endometriose.



4.1 Análise dos comentários retirados do site da Câmara de Deputados sobre uma notícia acerca da doença.

Figura 6 - Comentário 1



Lidy Decory

20/12/2023 06:25

Sou portadora da doença é encontro muitas dificuldades para tratar e cuidar a doença pelo o sus. Filas de longa espera, tratamento com poucos recursos e pouco especialistas para atendimento. PRECISAMOS SER RESPEITADAS E TRATADAS COM MAS ATENÇÃO E RESPEITO ,POIS O SOFRIMENTO E DIFICULDADES QUE ENFRENTAMOS SO PIORA A SITUAÇÃO .E NECESSÁRIO TER OLHAR MAS APURADO E CUIDADOS MAS COMPLETOS PARA ENFRENTAR O PROBLEMA, AFINAL O IMPORTANTE PAPEL DA MULHER NA OCIEDADE CAUSA PERDA NA MESMA, VENDO QUE CAUSA MUITO SOFRIMENTO NÃO SO A PACIENTE MAS A FAMÍLIA TAMBÉM SOFRE PERDAS. POR FAVOR PRECISAMOS DE MUITA DESPOSIÇÃO E ESFORÇOS MULTIPLOS PARA CONSEGUIRMOS SUPERAR TAIS PERDAS.

Fonte: Câmara Legislativa, 2023

O primeiro comentário pertence à usuária "Lidy Decory", escrito no dia 10 de dezembro de 2023. Ela se diz portadora da doença e usuária do Sistema Único de Saúde (SUS). A internauta reclama da demora, com filas, poucos profissionais e tratamentos ultrapassados. Ainda há um alerta sobre como a doença prejudica, não só os pacientes, mas também a família, que sofre com o que ela chama de "perdas". É importante observar que muitas mulheres contam apenas com o SUS para obter diagnóstico e tratamento, enfrentando muitas dificuldades.

Figura 7 - Comentário 2



Dayane Beto

21/09/2022 02:34

Boa noite descobro que tenho endometriose no mês de abril mais já senti muitas dores antes de descobrir pois eu estava na fila pro ambulatório da PUC chegando lá no dia 18/08/22 a médica me falou que não podia fazer mais nada por mim pois a médica que faz a video laparoscopia estava de licença e não tinha previsão pra volta dela ela fez um encaminhamento pra mim levar no posto de saúde perto da minha casa porém eu estou nenhuma fila de espera já não aguento mais com tanta dor remédio nenhum faz efeito mais pois a médica da PUC falou que só a cirurgia pra resolver o meu problema já estou tomando tramadol de 50mg já não consigo trabalhar mais pois sou doméstica a dor tem sendo intensas 😭😭 pela mor de Deus me ajude estou desesperada

Fonte: Câmara Legislativa, 2022

O segundo comentário pertence à usuária "Dayane Beto", escrito no dia 21 de setembro de 2022. A usuária descreve sua trajetória desde que foi diagnosticada com endometriose. Relata a falta de acesso a especialistas na área, e a demora das filas de espera em postos de saúde. Reclama de dores intensas e afirma que nenhum medicamento resolve o problema. É importante destacar que a internauta trabalha como doméstica e, por conta de não ter acesso aos tratamentos para a doença, sente dores tão intensas ao ponto de não conseguir mais trabalhar.



Figura 8 - Comentário 3



LAIS FILHO VIEIRA

29/12/2023 16:48

Sou portadora de endometriose e adenomiose venho sofrendo com dores crônicas desde os 15 anos, o diagnóstico preciso levou um longo tempo, pois ademais as pessoas e a sociedade costumam pensar que cólicas são normais que essa dor não passa de drama muitas vezes, aos 17 anos a dor começou a ficar insuportável estava cursando o ensino técnico e até no meio de convivência e na minha rotina diária a endometriose e a adenomiose afetou, relacionamento, família e amigos com forte índice de perdas e abandonos, acontece que o que muitas pessoas não sabem é que essa doença é psicossomática meche com todas as estruturas da vida de uma mulher, trazendo consequências como a depressão, estresse, dentre outras questões, ainda percebesse com muita veemência que existem entraves para com a saúde pública para o tratamento e até cirurgia de endometriose o que seria uma questão óbvia prevista pela constituição federal, direito e tratamento a todos, essa doença deve ser mais falada deve ser mais evidenciada nosso sofrimento não deve ficar embaixo do tapete, seria ótimo que as atuais conjunturas políticas tomassem a frente para elaborar leis e projetos que visam a qualidade de vida de uma mulher com endometriose. Não aproveitamos a vida vivemos apreensivas com medo com dor com traumas, e sentimos dores que nos fazem pensar que de fato é a morte, é uma autoimunes, sabemos que ela pode acontecer áreas que são delicadas, como intestino, nervos, bexiga, apêndice dentre outros órgãos, nos precisamos de atenção e cuidados médicos e com mais respeito porque por vezes a endometriose é considerada drama ou um caso normal o que não é a realidade, passamos muitas vezes por desrespeito médicos, abusos também, e se sentimos perdidas visto que quando o caso é cirúrgico não tem a cirurgia pelo SUS, mulheres de baixa renda sem disponibilidade até de conhecimento sobre a doença sofrem demais, é como um beco sem saída, muitas dessas mulheres trabalham para sustentar seus filhos, tem responsabilidades econômicas com os mesmos, tem faculdade tem outras questões que muitas vezes são cruciais, o sofrimento e a pressão consigo mesma é muito grande visto que muitas abandonam trabalho, faculdade, são abandonadas por amigos familiares, marido, namorado, e isso cada vez mais vira um empasse para a felicidade, eu vejo muitas mulheres que abrem vaquinhas online para poder realizar a cirurgia e só nos sabemos o quão difícil é estar nessa situação... Por mais saúde pública e investimento.

Fonte: Câmara Legislativa, 2023

No comentário 3, a usuária Laís Filho Vieira faz uma postagem no dia 29/12/2023, contando sua trajetória com a endometriose, alegando dores crônicas desde os 15 anos e uma



longa demora para o diagnóstico, já que seus sintomas eram considerados normais dentro de um contexto feminino.

Aos 17, registrou dores insuportáveis que desamparavam suas relações sociais e familiares, noticiando a doença como psicossomática, comprometendo todos os âmbitos de sua vida, trazendo consequências como a depressão, estresse, dentre outras questões. A usuária registra encontrar, com muita veemência, entraves da endometriose na saúde pública para o tratamento e cirurgias. Nesse âmbito, a comentarista expressa sua insatisfação à falta de evidência na luta de mulheres com a mesma condição dizendo ser algo “jogado embaixo do tapete” e que conjunturas políticas deveriam tomar frente para elaborar leis e projetos que visam a qualidade de vida de mulheres com endometriose.

A paciente relata viver apreensiva, com dores que a fazem pensar que pode chegar a óbito e que a enfermidade favorece desenvolvimento de outras doenças autoimunes, podendo chegar em áreas delicadas como nervos, intestino e apêndice. Noticia a necessidade de maior atenção médica, já que, por várias vezes, foi considerada dramática, ademais desrespeitos e abusos que enfrentou por profissionais da saúde, retratando o sentimento de desorientação.

A paciente enfatiza as dificuldades de mulheres de baixa renda, que trabalham, têm filhos ou estudam e expõe o estresse e a cobrança, dado que muitas abandonam o trabalho e a faculdade e são excluídas por pessoas de seu ciclo familiar, social e romântico, o que acarreta cada vez mais um entrave para a felicidade.



CONCLUSÕES

O trabalho teve como objetivo geral investigar os principais desafios no diagnóstico precoce da endometriose. Os objetivos específicos foram analisar o impacto da demora no diagnóstico no prognóstico e na qualidade de vida das mulheres com endometriose e propor estratégias para melhorar a conscientização, a educação e o acesso aos cuidados de saúde relacionados à endometriose.

Em vista dos argumentos apresentados, é possível concluir que a endometriose compromete significativamente a qualidade da saúde feminina, não só em aspectos físicos, mas também psicológicos. Estudos mostram que a maioria das mulheres com a doença sofre com dores que controlam suas vidas, o que reduz a eficácia no trabalho, compromete os estudos, afeta os relacionamentos e a sociabilidade.

A falta de conhecimento sobre a doença e sua etiologia, junto à subestimação das dores das mulheres contribui para a demora no diagnóstico e piora a saúde e a qualidade de vida. A saúde mental das pacientes com EDM também é gravemente impactada, devido a questões econômicas, sociais e psicológicas, exigindo intervenções precoces, como terapias medicamentosas e cirúrgicas, para preservar a fertilidade e melhorar os resultados clínicos e a QV dessas mulheres.

Pelas respostas dos questionários, constatou-se que a falta de informação dificulta o diagnóstico da endometriose, visto que muitas respondentes apenas “ouviam falar” sobre o assunto e, por isso, não reconhecem os sintomas. Isso se agrava pelo estigma da menstruação e a normalização da dor menstrual.

Nesse sentido, as fortes cólicas são frequentemente banalizadas por familiares e profissionais de saúde, refletindo a negligência histórica à saúde feminina e a sub-representação das mulheres em pesquisas clínicas. Isso resulta em diagnósticos tardios e tratamentos ineficazes. A endometriose permanece subfinanciada e pouco pesquisada, com mulheres enfrentando atrasos de 4 a 11 anos para diagnóstico. É crucial incluir as diferenças de gênero na medicina para melhorar a saúde das mulheres.

A análise dos comentários sugere que há uma clara desigualdade no tratamento da endometriose entre grupos socioeconômicos. Mulheres de baixa renda e minorias recebem menos procedimentos minimamente invasivos, enfrentam mais complicações cirúrgicas, e dependem de serviços públicos, sendo menos propensas a realizar laparoscopias e mais



propensas a usar opioides. Os comentários revelam também a indignação dessas mulheres, clamando por respeito, eficiência profissional, atenção, rapidez nas filas, menor descaso público frente a essa doença que impacta tantas vidas.

Para amenizar o problema no contexto escolar, o grupo fez uma campanha espalhando cartazes pelo colégio a fim de alertar e conscientizar as pessoas. Neles, havia diversas informações essenciais sobre a doença, como sintomas e tipos de tratamento.



REFERÊNCIAS

- AGARWAL, S. K., CHAPRON, C., GIUDICE, L. C., LAUFER, M. R., **Clinical diagnosis of endometriosis: A call to action.** American Journal of Obstetrics and Gynecology, 220, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2018.12.039> Acesso em 27/05/2024
- ALVES, V.S. B.; SILVA, A; S. C.; SAMPAIO, S. M. N. **Desafios para o diagnóstico precoce da endometriose e a importância do acompanhamento da equipe de enfermagem.** Research, Society and Development, 11(13), 2022 Disponível em <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35501> Acesso em 01/06/2024
- AS-SANIE, S., BLACK, R., GIUDICE, L. C., VALBRUN. **Assessing research gaps and unmet needs in endometriosis.** American Journal of Obstetrics & Gynecology, 221(2), 86–94, 2019 Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2019.02.033> Acesso em 01/06/2024
- BEACH, M. C., SAHA, S., PARK, J., TAYLOR, J., (2021). **Testimonial Injustice: Linguistic Bias in the Medical Records of Black Patients and Women.** Journal of General Internal Medicine, 36(6), 1708–1714, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s11606-021-06682-z> Acesso em 27/05/2024
- BEGGS, J. J., VILLEMEZ, W. J., & ARNOLD, R. (1997). **Black Population Concentration and Black-White Inequality: Expanding the Consideration of Place and Space Effects*.** Social Forces, 76(1), 65–91, 1997. Disponível em <https://doi.org/10.1093/sf/76.1.65> Acesso em 05/06/2024
- BERRY, A. K.; ZUCKER, I. **Sex bias in neuroscience and biomedical research.** Neuroscience & Biobehavioral Reviews, v. 35, n. 3, p. 565–572, jan. 2011.
- CANETE, A. C. **Endometriose: associação entre qualidade de vida relacionada à saúde e sintomas de ansiedade, depressão e dor.** Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2021.
- COSTA, H. D.; ALMEIDA, C. V.; REIS, C. F. B. R.; BRITO, E. S. B. (2023). **Endometriose no Brasil: Perfil epidemiológico das internações nos últimos dez anos (2013-2022).** Brazilian Journal of Health Review, 6(3), 9484–9495, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n3-087> Acesso em 27/05/2024
- CUSTÓDIO, M. P. C. S.; TROVÓ DE MARQUI, A. B. **Qualidade de vida em pacientes com endometriose: um estudo de revisão.** Revista Brasileira em promoção da saúde. Universidade de Fortaleza - UNIFOR, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.3390/jcm10132762> Acesso em 03/06/2024
- DRESSER, R. **Wanted Single, White Male for Medical Research.** The Hastings Center Report, v. 22, n. 1, p. 24, jan. 1992.



FARLAND, L., & HORNE, A. (2019). **Disparity in endometriosis diagnoses between racial/ethnic groups**. *BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology*, 126(9), 1115–1116, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1111/1471-0528.15805> Acesso em 03/07/2024

FERNANDES GONÇALVES, M. J. **Estado de depressão, ansiedade e qualidade de vida de mulheres com endometriose e dor pélvica crônica**. Repositório Aberto da Universidade de Porto. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar - U.Porto, 2016. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/90234/2/170325.pdf> Acesso em 01/06/2024

FERRIS, L. E.; FALIK, M. M.; SOLLINS, K. S. **Women's Health: The Commonwealth Fund Survey**. *Journal of Public Health Policy*, v. 18, n. 3, p. 359, 1997.

FOURQUET, J., ZAVALA, D. E., MISSMER, S., BRACERO, N., ROMAGUERA, J. (2019). **Disparities in healthcare services in women with endometriosis with public vs private health insurance**. *American Journal of Obstetrics & Gynecology*, 221(6), 623.e1-623.e11. 2019 Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2019.06.020> Acesso em 27/05/2024

HANKIVSKY, I. **Gender, Globalization and Sex Trafficking**, *Journal of Youth Studies*, Vol.8, No.3, pp.349–62, 2010.

HARRIS, C., WILLIE, T. C., CARDOSO, L. F., CAMPOS RIVERA, P. A., (2018). **High Frequency of Symptoms Suggestive of Endometriosis in a Clinic-Based Sample of Low-Income Women in Mexico City**. *World Medical & Health Policy*, 10(4), 415–419, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1002/wmh3.283> Acesso em 27/05/2024
<https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/2932>

JONES, G, JENKINSON, C, KENNEDY, S. **Evaluating the responsiveness of the Endometriosis Health Profile Questionnaire: the EHP-30**. *Qual Life Res*. 2004.

KASHYAP, A., AZIZ, M., SUN, T. Y., LIPSKY-GORMAN, S., (2023). **Investigating Racial Disparities in Drug Prescriptions for Patients with Endometriosis** (p. 2023.10.02.23296435), 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1101/2023.10.02.23296435> Acesso em 06/06/2024

MAAS, A. H. E. M. **Empower Women in Healthcare to move Women's Health forward**. *Maturitas*, v. 136, p. 22–24, jun. 2020.

PICKETT, C., FOSTER, W. G., & AGARWAL, S. K. (2023). **Current endometriosis care and opportunities for improvement**. *Reproduction and Fertility*, 4(3), 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1530/RAF-22-0091> Acesso em 25/05/2024

RODRIGUEZ, V. E., LEBRÓN, A. M. W., CHANG, J., (2021). **Racial–Ethnic and Socioeconomic Disparities in Guideline-Adherent Treatment for Endometrial Cancer**. *Obstetrics & Gynecology*, 138(1), 21, 2021 Disponível em <https://doi.org/10.1097/AOG.0000000000004424> Acesso em 01/06/2024



SAMPSON J. A. **Metastatic or Embolic Endometriosis, due to the Menstrual Dissemination of Endometrial Tissue into the Venous Circulation.** Am J Pathol. 1927.

TORRES. J. I. S. L. ; ARAÚJO, J. L.; VIEIRA, J. A.; SOUZA, C. dos S. **Endometriose, dificuldades no diagnóstico precoce e a infertilidade feminina: Uma Revisão.** Research, Society and Development, 2021 Disponível em <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15661> Acesso em 01/06/2024

TROJNAR, K; PILSZYK, A., NIEBRZYDOWSKA, M., PILSZYK, Z. **The Potential of Non-Invasive Biomarkers for Early Diagnosis of Asymptomatic Patients with Endometriosis.** Journal of Clinical Medicine, 10(13), 2762, 2021

USS, & USS, R. **Endometriose – importância do diagnóstico precoce e atuação da enfermagem para o desfecho do tratamento,** 2016

USS, E. R. **Endometriose – importância do diagnóstico precoce e atuação da enfermagem para o desfecho do tratamento.** Revista Pró-UniverSUS, v. 6, n. 1, p. 13–16, 2015.

WESTWOOD, S., FANNIN, M., Ali, F., THIGPEN, J., TATRO, R., (2023). **Disparities in Women With Endometriosis Regarding Access to Care, Diagnosis, Treatment, and Management in the United States: A Scoping Review.** Cureus, 15(5), 2023. Disponível em <https://doi.org/10.7759/cureus.38765> Acesso 07/06/2024